



A favor da boa Escrita Científica **In favor of Good Scientific Writing**

Gislene Farias de Oliveira¹; Rivalina Maria Macêdo Fernandes²

A necessidade de comunicação é uma realidade. Pesquisadores precisam comunicar seus achados com a sociedade, em geral através de artigos científicos, comments, papers, dentre outras modalidades. Um artigo pode ser difícil de produzir, pois o pesquisador precisa descrever com precisão toda informação da sua pesquisa, ao mesmo tempo em que deve tornar o texto suficientemente acessível a um público não especializado. Escrever um artigo científico, normalmente, precisa obedecer a critérios baseados em método científico apropriado, uma vez que a publicação só se justifica se as contribuições forem realmente relevantes. Ou seja, um artigo tem que ser resultado de um criterioso trabalho de pesquisa, bem planejado, de forma a resolver problemas científico-tecnológicos para um avanço significativos na área pesquisada. O domínio da literatura e da metodologia científica são essenciais para que se atinja o objetivo.

Um artigo científico de valor deve apresentar novas ideias, interpretações, conceitos ou modelos teóricos, não somente resultados. Mesmo nas áreas de humanas, não se concebe uma publicação de novas ideias que não estejam consolidadas por evidências teóricas ou experimentais. A Ênfase deve estar nos conceitos e nas ideias inovadoras, embasadas pelos resultados comprobatórios (ETHEL, HAIM e OSVALDO, 2014).

O domínio da escrita científica é atualmente baseado numa linguística apropriada. Dessa forma, o texto científico se apresenta bastante estereotipado, e com uma certa estrutura fixa, que deve conter: Título, Resumo, Introdução, Materiais e Métodos, Resultados, Discussão, Conclusão, Agradecimentos e Referências, normalmente nessa ordem. Comments ou Papers não necessitam seguir este rigor normativo. Mas, em geral, essa estrutura principal é mantida.

¹ Mestrado em Gestão em Organizações Aprendentes pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil. psicóloga do Centro Universitário UNINTA, Brasil. Contato: rivalinafernandes@gmail.com;

² Doutorado em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba. Pós doutorado em Ciências da Saúde pela Faculdade de Medicina do ABC-SP. Docente na Universidade Federal do Cariri. Editora da Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia. Contato: gislenefarias@gmail.com.

Um outro aspecto é que o fluir do texto num artigo científico precisa obedecer a um movimento bem definido. Por exemplo: a Introdução deve iniciar do tema mais geral, e ir chegando ao aspecto mais específico que se pretende. A Conclusão, de forma inversa, deve iniciar com uma retomada dos principais resultados do artigo, para chegar às implicações das contribuições para algo mais geral na área do conhecimento ou mesmo pretendida, ou para a sociedade.

Relativamente ao Resumo, este é um componente indispensável, pois são fornecidos ali, um condensado do que será lido, para que o leitor possa avaliar sua relevância, antes de se deter nos detalhes do artigo. Este deve ser uma síntese das ideias inovadoras da pesquisa. Há dois tipos principais de resumo: os informativos e, os descritivos. O estudo informativo traz resultados originais, neste caso, o resumo obrigatoriamente deve conter informações da contribuição principal do trabalho. Sua estrutura tende a ser fixa, apresentando: Contextualização, Lacuna a ser preenchida, Propósito, Metodologia, Resultados e Discussão, e Conclusão e Perspectivas. Quando há uma limitação de espaço imposto pelo periódico científico no qual vai ser publicada a pesquisa, normalmente retiram-se os dois primeiros componentes do resumo.

Durante a Contextualização, menciona-se sobre o tópico geral, em seguida particularizando para a especificidade da pesquisa em questão. Mostram-se as limitações ou restrições na parte da Lacuna, seguindo-se ao Propósito.

Este último é obrigatório, pois justifica e informa os objetivos principais da pesquisa. Na metodologia são apresentados os meios para se atingir tais objetivos e incluem os procedimentos e análises a serem utilizadas. Nos Resultados e Discussão, apresentam-se os achados quantitativos ou qualitativos mais relevantes, organizados de forma lógica e sintética, privilegiando os resultados em forma de ideias e conceitos. Nas Conclusões encerra o resumo, podendo ter espaço para as perspectivas futuras ou não. Coloca-se aí as principais contribuições do estudo, num contexto mais abrangente e, quando possível, apontam-se as suas implicações.

Os resumos descritivos são bastante úteis quando se trata de sumarizar conteúdos de livros, capítulos ou artigos de revisão da literatura, já que são textos mais longos, com contribuições de diversos autores, discutidas no texto. O resumo serve para uma descrição antecipada de como o tópico em questão será abordado. No caso dos resumos descritivos, tem-se uma estrutura menos rígida do que nos informativos. Mesmo assim, o leitor precisa ser informado sobre o que trata o texto seguinte, quando de uma revisão da literatura ou de dissertação.

Quanto ao corpo do texto do artigo, este deve se pautar na concisão e precisão da informação. Ser preciso é fundamental, por conta dos muitos termos e significados específicos, que cada área do conhecimento exige. A concisão, por sua vez, deve ser incansável, até por conta de que alguns autores tendem a exagerar na utilização de palavras desnecessárias. Muitas são as recomendações para obtenção de maior concisão: reduzir-se o número de adjetivos e advérbios, é um dos mais corriqueiros.

Outro aspecto relevante é a escrita gramatical correta, seja na língua portuguesa ou na língua estrangeira, de forma a conferir maior qualidade ao texto. Ninguém gosta de ler algo com a grafia incorreta ou incompleta (OSVALDO, 2014). É correta a expressão de que para que se consiga escrever bem é necessário ler muito. Porém, não seria uma leitura qualquer, mas leituras de material similar ao que se pretende escrever. Deve ser uma leitura sistemática e meticulosa, onde o leitor se concentre mais na forma do que no conteúdo do texto.

É útil também, para qualquer escritor em língua estrangeira, conhecer e saber estruturar funções retóricas como “definir”, “descrever”, “concluir”, “contrastar”, etc, para que possa também se expressar em língua estrangeira, com a mesma proficiência que o faz na língua usual.

A tarefa de apreender a escrita científica, seja em português ou em inglês, precisa ser construída. Não é tarefa simples, nem tampouco rápida. Exige tempo e dedicação. Não existem fórmulas mágicas para se dominar a escrita científica com pouco esforço, como de forma semelhante, também não as há para aprender um ofício em qualquer que seja a área do conhecimento.

Referências

ETHEL Schuster, HAIM Levkowitz and OSVALDO N. Oliveira Jr. (eds) **Writing Scientific Papers in English Successfully: Your Complete Roadmap**. Gráfica e Editora Compacta, São Carlos, 2014.

OSVALDO N. Oliveira Jr., **As Linguagens do Conhecimento**. Editora Cubo, São Carlos, 2014.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

OLIVEIRA, Gislene Farias de; FERNANDES, Rivalina Maria Macêdo. A favor da boa Escrita Científica. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, 2019, vol.13, n.43, p. 1105-1107. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 11/12/2018;

Aceito: 12/12/2018